

# Empresas alemãs temem recessão

A economia alemã atravessa sua pior crise desde a unificação da duas Alemanhas no momento que a Europa mais precisa da sua força

Por Agências internacionais

Valor, 17/12/2024

A confiança empresarial na **Alemanha** se deteriorou em dezembro, em meio ao colapso do governo do premiê **Olaf Scholz**, aumentando os **temores** de uma **recessão** na maior economia da Europa. Muitos temem que a Alemanha esteja chegando a um ponto sem volta e que os políticos não estão encontrando respostas para tirar a maior economia da Europa de um caminho de declínio que ameaça se tornar irreversível.

Após cinco anos de estagnação, a economia da Alemanha está hoje 5% menor do que seria se a tendência de crescimento pré-pandemia tivesse sido mantida. O risco de recessão no país está crescendo, disse Melanie Debono, economista da consultoria Pantheon Macroeconomics. Ainda assim, o resultado mais provável para o último trimestre do ano é de estagnação, em vez de contração, disse ela em uma nota aos investidores.

O Instituto Ifo informou nesta terça-feira (17) que seu índice de clima empresarial caiu para 84,7 em dezembro, em comparação com 85,6 em novembro, marcando a sexta queda em sete meses e o menor nível desde maio de 2020, quando a Europa enfrentava o auge da pandemia.

Economistas esperavam uma queda menor, para 85,5. Em contraste, um indicador de sentimento divulgado pelo Instituto Zew mostrou uma melhora na perspectiva econômica, com os mercados financeiros à espera de um novo governo em Berlim e novos cortes nas taxas de juros da zona do euro.

No início desta semana, no entanto, pesquisas importantes sobre gerentes de compras indicaram mais um mês de desaceleração no setor privado alemão.

Além da fragmentação da política do país, com o premiê Scholz perdendo um voto de confiança no Parlamento alemão esta semana, a potência industrial da Europa continua assombrada por um prolongado declínio em sua base manufatureira. Diversas grandes empresas alemãs sinalizaram demissões em meio à redução de operações, incluindo a gigante automobilística Volkswagen e as fornecedoras Bosch e Schaeffler, que alertaram que podem precisar reduzir o contingente de trabalhadores em um futuro próximo. Taxas de juros mais baixas podem não ser suficientes para resgatar o setor fabril de sua profunda crise estrutural, disse Joerg Kraemer, economista-chefe do Commerzbank da Alemanha.

“No setor manufatureiro, o índice caiu acentuadamente [em dezembro]”, segundo o Instituto Ifo, destacando a queda nos pedidos e nos cortes de produção, que estão enfraquecendo as expectativas para o novo ano. O setor de serviços também registrou um sentimento mais pessimista, segundo o Ifo.

A Alemanha tem registrado um crescimento anêmico nos últimos anos, com os reflexos da crise entre a Rússia e a Ucrânia continuando a dificultar qualquer recuperação. Até agora, o país tem evitado uma queda sustentada na produção, apesar dos altos custos de empréstimos projetados para conter a recente crise inflacionária.

Mais preocupante, a Bloomberg Economics estima que a maior parte do déficit fiscal alemão será difícil de recuperar, devido a golpes estruturais como a perda de energia russa barata e a Volkswagen e a Mercedes-Benz lutando para acompanhar o ritmo das empresas

automobilísticas da China. O declínio na competitividade nacional significa que cada família está pior em cerca de 2.500 (US\$ 2.600) por ano.

Depois que Scholz perdeu um voto de confiança na segunda-feira, eleições antecipadas oferecem uma chance para uma mudança de curso, mas a tendência de decadência gradual cria pouco senso de urgência nos políticos. O risco são respostas políticas sem a ambição necessária para enfrentar os desafios.

“A Alemanha não entra em colapso da noite para o dia. É isso que torna esse cenário tão absolutamente assustador e angustiante”, disse Amy Webb, fundadora e CEO do Future Today Institute, que aconselha empresas alemãs sobre estratégia. “É um declínio muito lento e prolongado. Não de uma empresa, não de uma cidade, mas de todo o país e a Europa é arrastada para baixo com ele.”

O que parece é que a Alemanha está perdendo mais de sua manufatura intensiva em energia e as exportações estão caindo, com empresas em dificuldades reduzindo o investimento no país. À medida que os padrões de vida se deterioram, os eleitores procuram alguém para culpar, e as tensões sociais afastam os talentos estrangeiros de que o país precisa desesperadamente. O coquetel tóxico de cautela e ressentimento então se espalharia pela Europa.

Anos de decisões equivocadas e um pouco de azar destruíram o modelo econômico da Alemanha justamente quando o resto da Europa precisa de sua força industrial para ajudar a região a acompanhar o ritmo da China, lidar com a guerra da Rússia na Ucrânia e responder a um EUA cada vez mais isolacionista. Em vez disso, a Alemanha está enfrentando sua maior crise desde a reunificação

Trinta e cinco anos atrás, a queda do Muro de Berlim uniu os alemães em torno de um vasto plano de gastos para integrar o antigo Leste comunista. Agora, o país está amargamente dividido e o eleitorado polarizado dificilmente emitirá um mandato claro para o governos que assumirá o controle após a eleição de fevereiro.

“A posição competitiva da indústria alemã piorou”, disse Joachim Nagel, presidente do Bundesbank (o banco central alemão), no início deste mês. “Os mercados estrangeiros em crescimento não estão fornecendo impulsos de crescimento como no passado.”